



A poética philliana como espaço de memória sobre o luto

Carla Marina da Silva Tôres de Sousa

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: carlamarina@ifma.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4733-0616>

José Ailson Lemos de Souza

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: ailsonlsj@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8923-9258>

Josenildo Campos Brussio

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

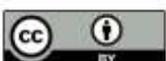
E-mail: josenildo.brussio@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>

Resumo: Neste artigo será apresentada uma leitura dos poemas Sobre a Morte do Reverendo Dr. Sewell [*On the Death of the Ver. Dr. Sewell*] e Sobre a Morte de uma Pequena de Cinco Anos de Idade [*On the Death of a Young Lady of Five Years of Age*], da poeta Phillis Wheatley, problematizando nestes a memória e o luto. Esta foi a primeira afro-americana a publicar um livro de poemas, *Poemas sobre Vários Assuntos, Religiosos e Morais* [*Poems on Various Subjects, Religious and Moral*], em 1773. Sobre a memória, nos pautamos nas discussões de Halbwachs (2006), Ricoeur (2007), Nora (2012). Ricoeur compreende a memória como uma distinção entre a memória individual e a coletiva, por sua vez, articulada por um olhar exterior. Em seguida, discorreremos sobre luto e memória a partir dos textos de Freud (2010). Para Freud, luto e melancolia são formas de expressão sobre a perda e a dor. Além disso, apresentamos um breve perfil sobre a poeta em face de sua importância para a literatura norte-americana. Concluímos que Phillis Wheatley recorre à memória de modo a empregar a narrativa sobre a morte e a temática do luto em seus poemas surge como elemento de evocação de lembranças.

Palavras-chave: Luto; memória; Phillis Wheatley; poesia norte-americana;

Phillian poetry as a place of memory around mourning



Abstract: This article presents a study on the poems *On the Death of the Reverend Dr. Sewell* and *On the Death of a Young Lady of Five Years of Age*, by the poet Phillis Wheatley, problematizing memory and mourning in them. Phillis was the first African-American to publish a book of poems – *Poems on Various Subjects Religious and Moral*, published in 1773. Regarding to memory, we base our discussions on the texts of Halbwachs (2006), Ricoeur (2007), and Nora (2012). Ricoeur understands memory as a distinction between individual and collective memory, in turn, articulated by an external perspective. Next, we discuss mourning and memory based on the texts of Freud (2010). For Freud, mourning and melancholy are forms of expression about loss and pain. In addition, we present a brief profile of Phillis in light of her importance to North American literature. We conclude that Phillis Wheatley uses memory to employ the narrative of death, and, the theme of mourning in her poems emerges as an element of evocation of memories.

Keywords: Mourning; Memory; Phillis Wheatley; North American poetry.

La poética philliana como un lugar de la memoria sobre el luto

Resumen: Este artículo presentará una lectura de los poemas – *Sobre La Muerte del Reverendo Dr. Sewell* [*On the Death of the Reverend Dr. Sewell*] y *Sobre La Muerte de Uma Jovem Dama Cinco Años de Edad* [*On the Death of a Young Lady of Five Years of Age*], de la poeta Phillis Wheatley, problematizando la memoria y el luto en ellos. Phillis fue la primera afro-americana em publicar um libro de poemas, *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*, en 1773. En cuanto a la memoria, nos basamos en los debates de Halbwachs (2006), Ricoeur (2007), Nora (2012). Ricoeur entiende la memoria como una distinción entre memoria individual y colectiva, articulada a su vez por una perspectiva externa. A continuación, abordamos el luto y la memoria a partir de los textos de Freud (2010). Para Freud, el luto y la melancolía son formas de expresión sobre la pérdida y el dolor. Además, presentamos un breve perfil de Phillis a la luz de su importancia para la literatura norteamericana. Concluimos que Phillis Wheatley utiliza la memoria para emplear la narrativa sobre la muerte, y, el tema de el luto em sus poemas surge como un elemento de evocación de recuerdos.

Palabras clave: Luto; Melancolía; Phillis Wheatley; Poesía Norteamericana.

INTRODUÇÃO

A reconstituição do passado é realizada através da memória por meio da evocação de lembranças, que nem sempre são constituídas de atos voluntários do ser humano. As lembranças podem ser reconstituídas através da proximidade com um

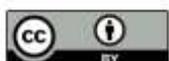


grupo, para partilhar do passado e recorrer, a partir do que foi vivido, a algo ou algum momento importante na vida deste grupo. Neste sentido, para Halbwachs (2006) abordar a memória vai além de uma construção individual, e constitui um tipo de construção coletiva.

A memória tende a guardar momentos vividos não apresentados voluntariamente, os quais permanecem inacessíveis até que sejam evocados por meio de lembranças coletivas ou lugares de memória que possam apresentar elementos sobre o que se passou. Paul Ricoeur (2007) discorre sobre os processos de memória e esquecimento, sendo este último uma forma de não pertencimento de um fato, de modo retilíneo na mente. Haverá, em algum momento, a inexistência de algo pela falta de um fato na memória. Este tipo de lacuna recorre aos “suportes” para a memória, os quais estabelecem uma “ponte” para o passado, para a própria configuração da história pois como defende Pierre Nora (2012, p. 13), o sentimento de que não há a memória espontânea justifica a criação de arquivos para atuarem quando a memória não mais está. E, então, surgem os locais de memória.

Ricoeur (2007) recorre à Platão para empreender uma reflexão sobre a memória, partindo de uma distinção básica entre memória individual, a qual se articula por meio de um olhar interior, e a memória coletiva, por sua vez articulada por um olhar exterior. Problematiza-se de maneira central a imaginação e, com ênfase nos pressupostos teóricos de Husserl, argumenta que a imaginação se configura a partir de elementos fictícios os quais não representam o real.

Sobre a relação entre memória e criação literária, o recurso a processos de rememoração de contextos que a mente, por si mesma, não pode mais alcançar, mas sim recriar a partir da imaginação, propomos aqui uma reflexão sobre a obra poética de Phillis Wheatley, a primeira mulher afro-americana a publicar um livro de poesias em 1773. Há em seus registros poéticos, dentre diversos temas, uma meditação sobre a morte. Neste trabalho, exploramos como a autora explora esse tema e o articula como



memória coletiva. Destacamos os poemas “Sobre a Morte do Reverendo Dr. Sewell – 1769”, “Sobre a Morte do Reverendo Senhor George Whitefield” [*On the Death fo the Ver. Dr. Sewell*] e “Sobre a Morte de uma Pequena de Cinco Anos de Idade” [*On the Death of a Young Lady of Five Years of Age*], e nossa leitura busca articular a construção poética de Weatley com a noção de luto e melancolia de Sigmund Freud.

A MEMÓRIA E OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

A discussão sobre a memória está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Para que se tenha a relação de pertencimento com o vivido, há a necessidade de se estar próximo do passado e isto dependerá do que o que se passou representa para um indivíduo e a relação deste com o que ocorreu.

Halbwachs (2006) argumenta que as lembranças nem sempre serão constituídas de elementos que apresentem integralmente o que passou. Portanto, quando se há um espaço coletivo de discussão sobre o passado, há a preservação de lembranças e de memória. Para Halbwachs, a continuidade de uma memória ocorrerá quando houver reciprocidade sobre o que está sendo evocado:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (Halbwachs, 2006, p. 34)

Ainda com Habwachs (2006), podemos relacionar a memória como “um quebra-cabeça” composto por várias peças individuais, de percepções individuais, para que se alcance o todo, ou seja, “uma imagem final”, o que podemos relacionar com as lembranças coletivas. Deste modo a reconstrução do passado é obtida através

da reciprocidade das lembranças, o que reflete no valor que este passado pode ter para um indivíduo ou grupo.

A memória, portanto, precisa ser coincidente, coletivamente, para manter-se viva. E, à medida que ocorre o distanciamento do grupo para a manutenção das lembranças passadas, a memória começa a se apagar e não mais alcançar o valor obtido nas impressões encontradas na fonte proveniente desta memória por estes indivíduos. Então, o laço constituinte da memória individual precisa estar entrelaçado por vários outros.

Outro estudioso sobre o tema, Pierre Nora (2012), sugere que os espaços detêm resíduos de memória, ou seja, perfazem os locais de memória. Para o autor, “há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Podemos dizer que os espaços de memória evocam o passado e apresentam-se como rastros de acontecimentos passados (Ricoeur, 2007).

Pierre Nora (2012) discute sobre a descolonização das sociedades-memória e de como a modernidade avançou sobre as instituições de preservação da memória. Nesse sentido, houve um distanciamento de perpetuação do passado, com a adoção de meios atualizados de obtenção da memória. Conseqüentemente, ocorreu o enfraquecimento das instituições que mantinham esses costumes e essas tradições de função mnemônica.

A proposição de Pierre Nora (2012) sobre o enfraquecimento das instituições mantenedoras da memória reforça a necessidade dos espaços de memória. Estes, por apresentarem recortes sobre o passado e serem meios de preservação e de rememoração do passado, ocupam o lugar das sociedades-memória. Segundo o estudioso,

Se habitássemos a nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada através da história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre faz numa identificação carnal do ato e do sentido. (Nora, 2012, p. 8)

Entendemos que os espaços de memória são locais de rememoração sobre o passado. Portanto os lugares de memória constituem-se de história. Ricoeur (2007) suscita-nos a refletir sobre o legado teórico sofisticado que a memória carrega consigo. Para a nossa discussão sobre os problemas em torno desta temática nos utilizaremos da abordagem realizada por Platão. Por este viés da memória, a ideia Platônica está associada sob a “representação presente de uma coisa ausente”, entendida como *eikon*. A sua problemática encontra-se sob suspeita em torno do erro:

A problemática da *eikon* é associada, desde o início, à impressão, à *tupos*, sob o signo da metáfora do bloco de cera, sendo o erro comparado a um apagamento das marcas, das sêmeia, ou a um equívoco semelhante àquele de alguém que pusesse os pés na pegada errada. Vemos assim, como o problema do esquecimento é colocado desde o início, e mesmo duplamente colocado, como apagamento dos rastros e como falta de ajustamento da imagem presente à impressão deixada como que por um anel na cera. (Ricoeur, 2007, p. 25)

Ricoeur (2007) explana que desde sua origem, a *eikon* associa-se à impressão, sob a metáfora do “bloco de cera” – a qual caracteriza-se na preservação do passado através de impressões ou marcas registradas nele – sendo o erro comparado a um apagamento das marcas ou das impressões realizadas neste bloco. Neste ponto, o esquecimento é comparado ao erro.

Sendo problemática da *eikon* o esquecimento, Ricoeur (2007) aborda o embate do discurso sofista em torno da veracidade e fidelidade sobre a memória. É apresentada a metáfora referente às artes da linguagem, *eidōla legomena*, capazes de “fazer parecerem verdadeiras” as coisas ditas. Embora esta metáfora tenha sido apresentada, questionou-se sobre os seus recursos miméticos para a constituição da verdade.

A partir da *eikôn* e a sua ligação à *tupos*, menciona-se a suposição Platônica de que “existe em nossas almas uma cera impregnável”, então esta suposição “deve permitir resolver o enigma da confusão ou mal entendido, sem esquecer o da persistência das marcas, ou ainda, o de seu apagamento, no caso do esquecimento”.

Portanto, Platão “não hesita em colocar a hipótese sob o signo de Mnenósine” – deusa mitológica que representava a memória (Ricoeur, 2007, p. 30).

Para Ricoeur (2007), a distinção Aristotélica entre *mnēme* (evocação simples, o aparecimento atual de uma lembrança) e *anamnēsis* (busca ou ato da recordação) é colocada por Ricoeur como contrastante, na qual Aristóteles manteve um espaço de discussão trazida à luz de Platão em torno da presença do ausente. Nesse sentido, “a evocação traz a carga do enigma que movimentou as investigações de Platão e de Aristóteles, ou seja, a presença agora do ausente anteriormente percebido, experimentado, aprendido” (Ricoeur, 2007, p. 43).

Aristóteles naturalizou a *anamnēsis* com o que denominamos de recordação. Porém esta ruptura com a ideia platônica não é, de um todo, completa “na medida em que o *ana* de *anamnēsis* significa volta, retomada, recobrimento do que anteriormente foi visto, experimentado ou aprendido, portanto, de alguma forma, significa repetição. Assim, o esquecimento é designado obliquamente como aquilo contra o que é dirigido o esforço da recordação” (Ricoeur, 2007, p. 44).

A recordação acontece utilizando-se da memória corporal e sendo esta, repleta de lembranças, pode sofrer interferência de distanciamento temporal: “a própria extensão do lapso de tempo decorrido pode ser percebida, sentida, na forma de saudade, de nostalgia”. (Ricoeur, 2007, p. 56). A transição de memória corporal para a memória dos lugares atribui-se ao fato de que algo lembrado pode ser associado a lugares.

Além da abordagem sobre os lugares de memória de Nora (2012), Ricoeur caracteriza-os como:

reminders [lembretes] para a recordação e apoio à memória que falha, uma luta contra o esquecimento, até mesmo “a suplementação tácita da memória morta. Os lugares permanecem como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras. (Ricoeur, 2007, p. 56)

Se há a necessidade da existência dos espaços de memória como lugares para a recordação do passado, evitando o esquecimento, cabe aqui apontarmos sobre os registros escritos, os poemas como estes lugares de existência da memória. Ao utilizarmos dos poemas podemos rememorar do passado porque nos detemos dos lugares onde a memória habita.

Os poemas sendo considerados espaços de memória (Nora, 2012) e até mesmo “rastros de memória” (Ricoeur, 2007) apoiam função mnemônica. Sendo o esquecimento pertencente à memória, esta, segundo Habwachs (2006) é viva, precisa de suporte para que a lembrança permaneça latente a um indivíduo através de grupos mantenedores de memória.

Atribuímos à narrativa poética o papel de preservação de memória como ação contra o esquecimento. A memória sendo “falha” precisa ter espaços de manutenção para as lembranças.

O LUTO E A MELANCOLIA ATRAVÉS DA MEMÓRIA

A abordagem do luto não é contemporânea, tampouco a sua compreensão não foi facilmente absorvida pela sociedade. A história da perda é ao mesmo tempo individual e amplamente contextualizada, pois começa quando se constroem vínculos (Franco, 2021). Sendo o luto e a melancolia abordados por Freud (2010), este os define, respectivamente, como um processo temporário de reação à perda e um sentimento decorrente da perda. A resposta de tempo para o luto e a permanência da melancolia, frente à perda, será estabelecida diante da atribuição de valor ou da construção de vínculo com o que foi perdido frente ao que foi construído na memória com este objeto de perda.

Partindo da construção de vínculos como semeador de lembranças, abordamos sobre as fases da memória constituídas por Halbwachs (2006) e dos grupos

de apego da memória, através da constituição individual de memória sobre um alicerce de constituição coletiva. E, partindo dos vínculos e das lembranças como campo de motivação para o luto e para a melancolia, pontuamos que a abordagem de memória de Halbwachs (2006) dialoga com a definição de luto e de melancolia de Freud (2010).

Através da relação de Freud (2010) quanto à abordagem de luto e de melancolia; e de Halbwachs (2006), sobre memória; podemos apontar que o luto não provoca o desapego de si mesmo através de lembranças ou algo que se rememore quem se perdeu. Através do luto, gradativamente, as lembranças de quem faleceu não mais provocam a ruptura com o mundo exterior. Já o sentimento de melancolia tem como estopim a aproximação constante com a memória sobre alguém que faleceu, fazendo que com que ocorra o desapego de si, inconscientemente.

Vemos que o Eu se deprecia e se enraivece consigo, e, assim como o doente, não compreendemos aonde isso pode levar e como pode mudar. É antes a parte consciente do trabalho que podemos atribuir aquela função, pois não é difícil enxergar uma analogia essencial entre o trabalho do luto e o da melancolia. Assim como o luto leva o Eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo, do mesmo modo cada conflito da ambivalência relaxa a fixação da libido no objeto, desvalorizando-o, até abatendo-o, por assim dizer (Freud, 2010, p. 192).

Freud (2010) configura que no luto há o desejo de se manter a memória de um objeto perdido mantido através do prazer que a relação do lembrar proporciona ao Eu. Ele configura que no luto este desejo vai gradualmente sendo substituído por outro, até ocorrer o distanciamento com o que foi perdido. Não podemos dizer que esta substituição seja atribuída por esquecimento, mas entendemos que a perda de conexão com este objeto pode caracterizar um silenciamento do que foi vivido, até ser resgatado novamente por uma lembrança.

A melancolia está ligada a aspectos que estão além da memória e de lembranças, envolve processos dolorosos que decorrem do inconsciente. Na melancolia o sentimento de devastação de si pode ser provocado pela perda e pode

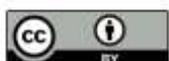
acarretar um processo demorado de silenciamento de uma lembrança, chegando à autopunição. Citamos os registros sobre o sentimento de melancolia encontrados na Bíblia, quando Saul encontra-se angustiado, com “maus espíritos”, em consequência do enfraquecimento de seu reinado diante da escolha de Davi para governar Israel e, vendo-se cercado por estas lembranças, tira a própria vida (Scliar, 2009).

O LUTO E A MELANCOLIA NA NARRATIVA POÉTICA DE PHILLIS WHEATLEY

A narrativa poética tem sido utilizada para a expressividade sobre o luto e a melancolia desde a antiguidade, por registros orais e escritos. No estudo que realizamos, escolhemos o século XVII, mais precisamente o período da Revolução Americana, para abordarmos sobre o assunto. Os registros deste período apontam que a primeira escritora afro-americana a surgir foi a escravizada Phillis Wheatley. Ao nos depararmos com as suas produções, investigamos que alguns de seus poemas relacionavam-se sobre o sentimento de esvaziamento de mundo, através da perda, configurando-se como o luto (Freud, 2010).

Por nos aportarmos sobre os conceitos de memória e espaços de memória, podemos afirmar que a poesia Philliana apresenta-se como espaço de memória sobre o luto por configurar na sua escrita sobre a “reação diante da perda” (Franco, 2021). Ainda, a escrita literária como sendo um espaço para a rememoração, retomamos o mito do Fedro, sobre a origem da escrita, sendo esta apresentada como um *reminder* [lembrete] (Ricoeur, 2007).

A abordagem literária sobre o luto apresenta os registros escritos como um trabalho de função mneumônica, mantendo o passado ressurgente. Neste campo, consideramos dois poemas Phillianos como registros da autora sobre o luto e por considerarmos que estes registros objetivaram empregar a função mnemônica sobre o objeto perdido (Ricoeur, 2007). Ressaltamos que o livro de autoria de Phillis Wheatley,



Poemas sobre Vários Assuntos, Religiosos e Morais [*Poems on Various Subjects, Religious and Moral*], publicado em 1773, na Inglaterra, é uma coletânea de trinta e nove poemas. dentre os quais, escolhemos dois para realizarmos a análise sobre o luto.

Consideramos os dois poemas a seguir como exemplos da expressividade Philliana de luto, apesar de encontramos no livro de Phillis um número superior de poemas para caracterizarmos o objeto estudado. Portanto, por encontrarmos em sua narrativa poética expressões de luto (Freud, 2010), por considerarmos nestes registros a preservação da memória (Ricoeur, 2007) e por sentirmos neles o emprego da memória coletiva (Halbwachs, 2012), ao longo dos vestígios linguísticos neles empregado; consideramos: (1) *Sobre a Morte do Reverendo Dr. Sewell* [On the Death of the Ver. Dr.Sewell]. Publicado em 1769 e (2) *Sobre a Morte de uma Pequena de Cinco Anos de Idade* [On the Death of a Young Lady of Five Years of Age]. Publicado em 1773.

Vamos iniciar a análise da narrativa Pilliana como o primeiro poema. A sua abordagem póstuma em *Sobre a Morte do Reverendo Dr. Sewell* apresenta a narrativa sobre a morte do pastor/reverendo George Whitefield, fundador do Metodismo, na Nova Inglaterra – mais tarde, os Estados Unidos. Percebemos, em suas linhas, o emprego de vestígios linguísticos, expressivos, sobre a sua morte. Ainda, percebemos o valor memorialístico que o poema expõe para homenagear, postumamente, o pastor/reverendo. Eis o poema:

ERE yet the morn its lovely blushes spread,
See Sewell number'd with the happy dead.
Hail, holy man, arriv'd th' immortal shore,
Though we shall hear thy warning voice no more.
Come, let us all behold with wishful eyes
The saint ascending to his native skies;
From hence the prophet wing'd his rapt'rous way
To the blest mansions in eternal day.
Then begging for the Spirit of our God,
And panting eager for the same abode,
Come, let us all with the same vigour rise,
And take a prospect of the blissful skies;
While on our minds Christ's image is imprest,
And the dear Saviour glows in ev'ry breast.
Thrice happy faint! to find thy heav'n at last,



What compensation for the evils past!
 Great God, incomprehensible, unknown
 By sense, we bow at thine exalted throne.
 O, while we beg thine excellence to feel,
 Thy sacred Spirit to our hearts reveal,
 And give us of that mercy to partake,
 Which thou hast promis'd for the Saviour's sake!
 "Sewell is dead." Swift-pinion'd Fame thus cry'd.
 "Is Sewell dead," my trembling tongue reply'd,
 O what a blessing in his flight deny'd!
 How oft for us the holy prophet pray'd!
 How oft to us the Word of Life convey'd!
 By duty urg'd my mournful verse to close,
 I for his tomb this epitaph compose.
 "Lo, here a man, redeem'd by Jesus's blood,
 "A sinner once, but now a saint with God;
 "Behold ye rich, ye poor, ye fools, ye wise,
 "Not let his monument your heart surprise;
 "Twill tell you what this holy man has done,
 "Which gives him brighter lustre than the sun.
 "Listen, ye happy, from your seats above.
 "I speak sincerely, while I speak and love,
 "He fought the paths of piety and truth,
 "By these made happy from his early youth;
 "In blooming years that grace divine he felt,
 "Which rescues sinners from the chains of guilt.
 "Mourn him, ye indigent, whom he has fed,
 "And henceforth seek, like him, for living bread;
 "Ev'n Christ, the bread descending from above,
 "And ask an int'rest in his saving love.
 "Mourn him, ye youth, to whom he oft has told
 "God's gracious wonders from the times of old.
 "I too have cause this mighty loss to mourn,
 "For he my monitor will not return.
 "O when shall we to his blest state arrive?
 "When the same graces in our bosoms thrive."

No poema acima, na linha 1, em *"ERE yet the morn its lovely blushes spread"* [Antes, enfim, da manhã em seu amável rubor], e na linha 2, em *"See Sewell number'd with the happy dead"* [Vemos Sewell juntando-se aos mortos felizes], temos a impressão da descrição sobre o sepultamento do pastor Sewell e sobre como o dia estava. Nestas linhas iniciais percebemos a ilustração afetuosa sobre a perda e a reação sobre a perda (Freud, 2012).



Na linha 3, em *“Hail, holy man, arriv’ d th’ immortal shore* [Santo homem, chegou no canto imortal], e na linha 4 *Though we shall hear thy warning voice no more.*” [Portanto, não vamos mais ouvir a sua voz aconselhadora], percebemos a localização pós morte, geralmente atribuída para os que acreditam na existência de um lugar imortal. Percebemos ainda que ocorre a compreensão da realidade sobre a perda e que não haverá mais a aproximação com o objeto perdido (Freud, 2010).

As linhas 5 e 6, em *“Come, let us all behold with wishful eyes”* [Venham, contemplemos todos com os olhos desejosos], *“The saint ascending to his native skies”* [O santo ascendendo aos céus, seu lugar nativo]; remetem a um grupo mantenedor da memória coletiva (Halbwachs, 2006) sobre o objeto perdido. A autora faz um convite a um grupo: *“Come, Let us all behold (...)”* [Venham, contemplemos todos (...)]

As linhas 7 e 8, em *“From hence the prophet win’ d his rapt’rous way”* [Então o profeta alçou voo em seu caminho, arrebatado], *“To the blest mansions in eternal day”* [Para as abençoadas mansões no dia eterno], vê-se o entendimento da autora sobre o dia em que ocorreu a perda do objeto, referindo-se a este como *“o profeta”* [the prophet].

As linhas 9 a 12 - *“Then begging for the Spirit of our God”* [Então implorando pelo Espírito do nosso Deus], *“And panting eager for the same abode”* [E ofegantes e ansiosos pela mesma morada], *“Come, let us all with the same vigour rise”*, [Venham, levantemo-nos todos com o mesmo vigor], *“And take a prospect of the blissful skies”* [E observem a perspectiva feliz dos céus] – apresentam uma descrição positiva sobre a morte. A autora apresenta o entendimento que a partida da vida nos leva a um lugar agradável, bom.

As linhas 13 a 21 apresentam a referência bíblica, cristã, sobre a ressurreição, a vida eterna após a morte. Nestas linhas, principalmente, na linha 20, em *“(...)And give us of that mercy to partake”* [E nos dê a misericórdia em participar] e na linha 21, em *“Which thou hast promis’ d for the Saviour’s sake (...)!”* [O que você prometeu por causa do

Salvador!], podemos inferir sobre a referência da autora a um documento, exemplificando o conceito de memória documental, como explica Ricoeur (2007) no livro *A memória, a história, o esquecimento*.

Ainda, utilizando-se da função mnemônica a autora referiu-se ao passado utilizando-se do pretérito. Percebemos que a auto-estima do poema refere-se à dor, ao momento doloroso da perda, do abatimento, porém não ocorre o sentimento da abstenção de si.

A linha 22, em "*Sewell is dead*". *Swift – pinion'd Fame thus cry'd*" [Sewell está morto. Sua fama de pinhão transformou-se em choro], a palavra *dead* [morto] foi empregada para que o sentimento de tristeza sobre a perda fosse expressado pela palavra *cry'd* [choro]. Ainda, sobre o sentimento de tristeza, apontamos as linhas 27 e 28 porque apresentam a homenagem póstuma ao pastor Sewell. Portanto, em "*By duty urg'd my mournful verse to close*" [Por dever, meu verso triste para encerrar] e "*I for his tomb this epitaph compose*" [Eu componho este epitáfio para o seu túmulo], apresentamos as palavras: *mournful* [triste], *close* [encerrar, acabar] e *epitaph* [epitáfio], como elementos freudianos que expressam o enfoque sobre o desapego da libido sobre o objeto (Freud, 2010).

As linhas 29 a 50, expressam uma homenagem póstuma. Phillis concentrou-se em apresentar elementos de rememoração sobre o objeto perdido, incitando a manutenção sobre o que se conheceu por este objeto. Portanto, o poema nos remete ao conceito de Halbwachs (2006) sobre a afetividade na preservação da memória, além de nos propor a refletir sobre o conceito de Nora (2012) sobre lugar de memória.

Em sequência à narrativa póstuma Philliana, iremos analisar o segundo poema, *Sobre a Morte de uma Pequena de Cinco Anos de Idade* [On the Death of a Young Lady of Five Years of Age]. Publicado em 1773. A autora aborda, em sua narrativa, o sentimento doloroso da perda de uma criança de cinco anos de idade. Eis o poema:

FROM dark abodes to fair etherial light
 Th' enraptur'd innocent has wing'd her flight;
 On the kind bosom of eternal love
 She finds unknown beatitude above.
 This known, ye parents, nor her loss deplore,
 She feels the iron hand of pain no more;
 The dispensations of unerring grace,
 Should turn your sorrows into grateful praise;
 Let then no tears for her henceforward flow,
 No more distress'd in our dark vale below,
 Her morning sun, which rose divinely bright,
 Was quickly mantled with the gloom of night;
 But hear in heav'n's blest bow'rs your Nancy fair,
 And learn to imitate her language there.
 "Thou, Lord, whom I behold with glory crown'd,
 "By what sweet name, and in what tuneful sound
 "Wilt thou be prais'd? Seraphic pow'rs are faint
 "Infinite love and majesty to paint.
 "To thee let all their graceful voices raise,
 "And saints and angels join their songs of praise."
 Perfect in bliss she from her heav'nly home
 Looks down, and smiling beckons you to come;
 Why then, fond parents, why these fruitless groans?
 Restrain your tears, and cease your plaintive moans.
 Freed from a world of sin, and snares, and pain,
 Why would you wish your daughter back again?
 No—bow resign'd. Let hope your grief control,
 And check the rising tumult of the soul.
 Calm in the prosperous, and adverse day,
 Adore the God who gives and takes away;
 Eye him in all, his holy name revere,
 Upright your actions, and your hearts sincere,
 Till having sail'd through life's tempestuous sea,
 And from its rocks, and boist'rous billows free,
 Yourselves, safe landed on the blissful shore,
 Shall join your happy babe to part no more.

Percebemos em suas linhas iniciais que o poema nos remete à lembrança sobre o objeto perdido (Ricoeur, 2007). Na linha 1, encontramos a referência de que houve, através da morte, a mudança da escuridão para a luz. A autora utilizou em “FROM dark abodes to fair etherial light” [De moradas escuras à luz etérea], as expressões *dark abode* [morada escura] e *etherial light* [luz etérea] para expressar essa transição. Phillis abordou sobre a jovem falecida utilizando-se da palavra *innocent* [inocente],



como percebemos na linha 2, em “Th' enraptur'd innocent has wing'd her flight” [A inocente alcançou o seu voo].

As linhas 3 a 14 sugerem que pensemos na morte como um lugar acolhedor. Para tanto, iremos propor a reflexão sobre a consumação do luto (Freud, 2010), proporcionando a sensação de liberdade quanto a ação do pesar que a perda implica. Na linha 6, em: “*She feels the iron hand of pain no more*” [Ela não mais sente a mão de ferro da dor], percebemos o emprego da expressão “*the iron hand of pain*” [a mão de ferro da dor] para expressar um possível sofrimento do objeto e, com o uso da expressão no *more* [não mais], a sensação de sua libertação desta dor através de sua passagem. No contexto de libertação do luto, vemos que em “*The dispensations of unerring grace*” [As dispensações da graça infalível] – linha 7, e, em “*Should turn your sorrows into grateful praise*” [Devem transformar as suas lamentações em louvor de gratidão] – linha 8, os verbos “*should turn*” [devem transformar] são empregados como pontos para o desapego do luto.

Iremos nos deter nas expressões encontradas nas linhas finais do poema por encontrarmos semelhança no emprego da narrativa sobre o luto, conforme abordado no parágrafo anterior. Portanto, em: “*Let then no tears for her*” [Não chorem por ela] – encontramos “*no tears*” [não chorem], “*Perfect in Bliss she from her heav'nly home*” [Perfeita em êxtase de seu lar celestial] – encontramos “*heav'nly home*” [lar celestial], “*Why then, fond parents, why these fruitless groans?*” [por que, então, pais, esses gemidos infrutíferos?] – encontramos “*fruitless groans*” [gemidos infrutíferos].

A autora quando apresenta “*Why would you wish your daughter back again?*” [Por que vocês desejariam sua filha de volta], “*Adore the God who gives and takes away*” [Adorem ao Deus que dá e que tira] e “*Shall join your happy babe to part no more*” [Vão ir de encontro ao seu neném feliz para não mais se separarem], emprega elementos freudianos sobre a necessidade do distanciamento do vazio provocado pelo

luto e alude sobre os elementos ricoerianos que tratam da utilidade que o esquecimento provoca através do desapego das lembranças provocadas pela dor.

Podemos inferir que a narrativa philliana sobre o luto, ao referir-se à rememoração póstuma, se relaciona com intenção de desarquivamento da memória (Ricoeur, 2007) sobre os que faleceram. A sua narrativa não eterniza os que morreram mas a intencionalidade de sua escrita funciona como um espaço de homenagem póstuma, um lugar de memória.

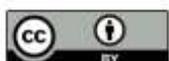
SOBRE PHILIS WHEATLEY

A infância de Phillis Wheatley foi marcada por seu sequestro de sua terra natal (Senegal ou Gambia). Ela foi vendida e escravizada com aproximadamente sete anos de idade. A ela, por falta de documentos pessoais, foi concedido como sendo o seu primeiro nome Philis, por ser a identificação do navio que a carregou até a Nova Inglaterra, hoje, Estados Unidos.

A adolescência de Phillis foi caracterizada por realizar trabalhos domésticos na casa de seus senhores e por estar em um ambiente aprendendo sobre a Língua Inglesa, sobre a Filosofia, sobre a Astronomia, sobre as Ciências e sobre a religião cristã. Aos quatorze anos, ela começou a escrever e após a afirmação de sua inteligência, confirmada por um comitê avaliador que ao lhe julgar, recebeu a concessão de autoria de seus escritos.

Phillis, com os contextos sobre a independência do país, escreveu sobre liberdade, sobre o seu amor à pátria e sobre os sentimentos que ocupavam o seu coração. E foi assim que o seu primeiro livro intitulado “*Poemas sobre Vários Assuntos e Temas Morais*”, em inglês *Poems on various Subjects and Moral*, foi publicado.

Phillis Wheatley enfrentou o processo de guerras diante da tentativa de libertação e Independência Americana das Colônias Britânicas, em sua fase adulta.



Inspirou-se sobre relatar estes contextos conflituosos também. E, apesar de já ter as suas publicações reconhecidas, o contexto da sociedade em que vivia era de enfrentamento econômico. As colônias americanas lutavam pela emancipação de territórios da dependência britânica. E neste sentido, para Phillis, de nada adiantava ter as suas obras publicadas, pois aqueles que se interessavam em lê-las não podiam comprá-las. Ela ficou com a família até o falecimento de seus senhores. Susanne faleceu em 1774 e John faleceu em 1778.

A autora enfrentou por muito tempo problemas para garantir o seu sustento, pois apesar de ter tratamento diferenciado pela família de seus senhores e ser considerada como membro da família, estes não a incluíram em testamento. Phillis casou-se com John Peters e pode ter o alívio da dificuldade financeira. O casal viveu bem por alguns anos até enfrentar o declínio dos bens da família, cumulando na prisão de seu marido, por dívida financeira. O casal teve três filhos, porém todos os bebês não resistiram. A autora, para sobreviver, voltou a trabalhar na casa de pessoas e estando em um estado de fragilidade de saúde, sem cuidados médicos, não resistiu e faleceu em 1784.

A trajetória de Phillis a caracteriza como uma autora que se firmou diante do período discriminatório advindo do colonialismo. Os temas abordados na escrita philliana tiveram desde a influência cristã, moralista, política e outros contextos. Phillis Wheatley escreveu poemas dedicados ao seu amor à pátria, inspirada pelo contexto da Revolução Americana. A autora, por dedicar um de seus poemas ao General George Washington, chegou a conhecê-lo e receber a sua estima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de que o luto não é algo simples de ser descrito, a abordagem freudiana diferencia o luto da melancolia quando para o luto são considerados os



aspectos que vão desde um período provisório de enfrentamento da situação de perda e, para a melancolia, o sentimento de autodepreciação através do esquecimento de si.

Ainda, consideramos a narrativa de Phillis Wheatley um espaço de Luto que se manifesta por meio da Literatura e podemos afirmar que os lugares de memória sobre o luto podem ser encontrados nas narrativas poéticas da escritora norte-americana. Através dos poemas que escolhemos da narrativa philliana, observamos que a exaltação do sentimento do enlutado é realizada através de contextos que exprimiram a perda e o sentimento diante do distanciamento pela morte.

Para a abordagem sobre os Espaços de Memória sobre o Luto consideramos que a escrita philliana abrange a preservação do sentimento existente da perda como reação do luto e em suas poesias percebemos que expressões como: “leve as lágrimas embora”, configuram a exposição sobre o esvaziamento de si e de mundo, através da perda.

Sabemos que apresentar uma mulher negra como referência para a Literatura é essencial para afirmá-las como pertencentes à academia e reconhecer a sua contribuição como mulher negra para uma sociedade exclusória. Portanto, divulgar a narrativa philliana é não provocar o seu esquecimento acadêmico e valorar a sua produção diante da tentativa histórica de repressão advinda do colonialismo.

Considerar a autoria de Phillis Wheatley sobre o luto é apontar a sua narrativa como um refúgio para a homenagem póstuma. É também uma forma de não cometer o mesmo julgamento a qual a autora foi submetida diante de sua escrita. Deste modo, dar-lhe o reconhecimento como autora cujas poesias podem ser lugar de memória é também reconhecê-la como uma autora negra, pioneira para a autoria afro-americana, deixando para a posteridade as suas marcas sobre a memória.

REFERÊNCIAS



FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

NORA, P., & AUN KHOURY, T. Y. (2012). Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

RICOEUR, Paul. Memória e imaginação. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François, et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SHIELDS, John C. **The Collected Works of Phillis Wheatley**. New York: Oxford University Press, 1988.

SCLIAR, Moacyr. **A Melancolia na Literatura**. 2009. Encontrado no link: https://www.academia.edu/11270721/A_melancolia_na_literatura

WHEATLEY, Phillis. (1773). "To the Hon. T. H. Esq; on the Death of His Daughter.". *Poems on Various Subjects, Religious and Moral* (Lit2Go Edition). Retrieved December 13, 2023, from <https://etc.usf.edu/lit2go/206/poems-on-various-subjects-religious-and-moral/4914/to-the-hon-t-h-esq-on-the-death-of-his-daughter/>

